

DIÁLOGO ENTRE OS PENSAMENTOS DE PAULO FREIRE E ESPINOSA: HORIZONTES POSSÍVEIS A PARTIR DE ASPECTOS RELIGIOSOS PARA UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA

Aline da Conceição Dias Aranha ¹

Andréa Espinola de Siqueira ²

Rosane Moreira Silva de Meirelles ³

RESUMO

A intensificação das mudanças climáticas evidencia o papel essencial da educação na promoção de reflexões críticas sobre as questões ambientais, especialmente no âmbito da Educação Ambiental (EA), que perpassa múltiplas dimensões da vida social. Entre elas, os aspectos religiosos merecem atenção, pois influenciam práticas, valores e decisões individuais e coletivas. Diversas tradições religiosas mantêm vínculos profundos com a natureza, expressando modos de relação que podem revelar perspectivas mais respeitadas e menos destrutivas, com potencial pedagógico para problematizar dimensões sociais, históricas e econômicas das questões ambientais, enfoque característico da Educação Ambiental Crítica (EAC). Neste contexto, o presente trabalho busca analisar as possibilidades de diálogo entre os pensamentos de Paulo Freire (1921–1997) e Baruch Espinosa (1632–1677), a partir da identificação de elementos religiosos que possam contribuir para o fortalecimento da EAC. A partir de uma análise comparativa dos textos dos referidos autores, bem como contribuições de autores que são referência na abordagem sobre Espinosa (como Chauí, 1995, 2003), foi possível observar que Espinosa defendia a libertação das superstições e do medo como forma de controle social. Freire destacou o papel educador das Igrejas, que devem também se engajar na libertação dos oprimidos e na busca por uma sociedade mais igualitária. Conclui-se que determinados aspectos religiosos, quando reinterpretados à luz de uma racionalidade crítica e libertadora, podem potencializar uma leitura ético-política das questões socioambientais e favorecer transformações sociais emancipadoras.

Palavras-chave: Paulo Freire, Espinosa, Educação ambiental, Aspectos religiosos.

INTRODUÇÃO

A urgência das mudanças climáticas aponta que a educação tem um papel relevante na promoção de reflexões acerca da importância das questões ambientais, sobretudo no âmbito da Educação Ambiental (EA) que nos permite transitar por diversos aspectos da vida social. Falar sobre a questão ambiental vem adquirindo uma conotação séria e até mesmo catastrófica, nos tempos atuais, seja pela emergência das já

¹ Doutoranda do Programa *stricto sensu* em Ensino em Biociências e Saúde (PG-EBS- IOC - Fiocruz), lilabiodiaz@gmail.com;

² Orientadora (PG-EBS - IOC - Fiocruz) Professora Associada do Departamento de Ensino de Ciências e Biologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, rosanemeirelles@gmail.com;

³ Coorientadora (DECB - IBRAG) Professora Associada do Departamento de Ensino de Ciências e Biologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, deiaespinola@gmail.com.



mencionadas mudanças climáticas, que causa grande preocupação e temor, seja pela relação destrutiva e exploratória que ainda hoje nutrimos com a natureza. Através dos tempos vimos e vivemos uma relação que projetou a natureza como mercadoria, como interminável, e até de uma ideia de crescimento econômico que, através da exploração, permitiria a recuperação da natureza (Bonneuil; Fressoz, 2023).

Segundo Loureiro (2005), a EA reúne propostas educativas de diferentes bases teóricas e ideológicas e é reconhecida como fundamental para a formação de uma concepção de mundo e de sociedade com enfoque na questão ambiental. Isso é facilmente observado quando pensamos a EA como práxis educativa que compõe o próprio processo em que atua, nos diversos aspectos da vida e nas esferas sociais que se identificam com a questão ambiental. O autor completa ainda que essas propostas educativas buscam concretizar diferentes ações, consideradas até mesmo contraditórias, visando conquistar aspectos sociais considerados sustentáveis, que nos ajudem a repensar nosso modo de nos relacionarmos com a natureza.

Assim, a EA surge como importante porta-voz do discurso sobre o ambiente e a trajetória desse campo em nosso país está atrelada também às mudanças sociais. A pluralidade do que se entende como EA (Sato; Carvalho, 2005), longe de criar separações vazias, enriquece ainda mais sua potência de transformação. Aqui trazemos como base para o diálogo ambiental a chamada Educação Ambiental Crítica (EAC), que tem suas bases apoiadas, dentre outros autores, na pedagogia de Paulo Freire (1921–1997).

A pedagogia freireana, como referencial teórico, enfatiza a educação dialógica, crítica e libertadora, na qual o indivíduo é reconhecido como sujeito ativo no processo de construção do conhecimento, incluindo suas crenças e experiências de vida. Para Freire, a educação não é neutra: ela deve problematizar a realidade, possibilitar a reflexão crítica sobre valores, crenças e práticas sociais e promover a transformação ética e social (Freire, 2024a).

Outro referencial relevante para a temática ambiental é o filósofo holandês Baruch Espinosa (1632-1677), cuja obra mais conhecida, a *Ética* (1677), publicado postumamente, trata de temas como os afetos, a relação entre Deus e Natureza, sendo esta uma das principais temáticas resgatadas para associar os pensamentos do filósofo às questões ambientais. Ao trazer novos olhares sobre a relação entre o ser humano e a



Natureza, Espinosa tornou-se referência em inúmeras pesquisas sobre EA (Sawaia, 2006; D'Abreu, 2009; Gomes; Torales-Campos, 2021; Oliva *et al.*, 2025).

Ao propor a concepção de que Deus e Natureza são a mesma realidade — sintetizada na expressão *Deus sive Natura*, Espinosa rompe com a tradição dualista cartesiana que separava sujeito e objeto, espírito e matéria, humanidade e natureza. Esse pensamento permite compreender os seres humanos como parte integrante da Natureza, e não como entidades superiores ou exteriores a ela. Tal perspectiva se aproxima das críticas contemporâneas ao antropocentrismo e sustenta a visão de que todas as formas de existência têm valor próprio. Além disso, sua ética racional orientada para a liberdade pela compreensão das causas e inter-relações pode ser aplicada à análise dos problemas socioambientais atuais, entendendo-os como fenômenos complexos que exigem conhecimento integrado. Alguns autores destacam que Espinosa oferece ferramentas conceituais para desenvolver uma prática educativa crítica, capaz de problematizar ideologias, crenças e valores culturais que influenciam a relação das pessoas com o meio ambiente (Gomes; Torales-Campos, 2023) . Assim, sua filosofia apoia estratégias pedagógicas que consideram tanto a compreensão racional das relações entre seres humanos e natureza quanto a formação de indivíduos conscientes das implicações éticas, políticas e sociais das questões ambientais (Deleuze, 1968; Leff, 2001).

No contexto educacional, pensando nas potencialidades das ideias de Espinosa e Paulo Freire, sua relação com as questões ambientais e suas ponderações sobre aspectos da religiosidade, o presente trabalho tem como objetivo analisar as possibilidades de diálogo entre os pensamentos de Paulo Freire e Baruch Espinosa, a partir da identificação de elementos religiosos que possam contribuir para o fortalecimento da EAC.

PERCURSO METODOLÓGICO

A presente pesquisa tem abordagem qualitativa, caracterizada como bibliográfica e de caráter exploratório (Gil, 2002), na qual buscou-se realizar a leitura e consequente análise das obras de Paulo Freire: *Pedagogia do Oprimido* (2024a), *Pedagogia da Esperança* (2024b) e *Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos* (1981). O mesmo foi feito com as seguintes obras de Baruch Espinosa: *Ética* (2023) e



Tratado Teológico-Político (2003), bem como obras que trazem um olhar analítico sobre estes livros, como os livros Espinosa: uma filosofia da liberdade e Política em Espinosa, da filósofa brasileira Marilena Chaui (1995; 2003). Após a escolha dos títulos das obras a serem analisadas, foi feita, inicialmente, uma leitura de seus sumários, buscando averiguar a possível presença de temáticas que mencionam questões de fé e suas implicações na vida social. Identificados os capítulos que mais se aproximam das questões aqui propostas, nestes foi realizada uma leitura mais aprofundada, buscando alcançar possíveis aproximações com aspectos da EAC. Para tanto, foi realizado um levantamento bibliográfico na plataforma *Google Acadêmico*, buscando obras que trouxessem análises dos pensamentos dos dois autores, bem como de autores-base na EAC, como Loureiro (2005, 2020).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através da análise dos textos mencionados anteriormente, trazemos um breve panorama das ideias de Espinosa e Freire que dialogam com aspectos relacionados às questões de crença, fazendo uma conexão entre estes e suas possibilidades de diálogo com a EAC.

Deus e Natureza na Filosofia de Espinosa

Acerca da aproximação entre o filósofo holandês e a EA, de acordo com Sawaia (2006) a ética em Espinosa seria uma ética da totalidade, alinhada à ética promovida por ecologistas, por exemplo, segundo a qual quando o ser humano agride o mundo, está agredindo a si mesmo. Essa ética sugere, ao invés da conquista da natureza pelo ser humano, que se promova a libertação dos dois. Através dessa ética se estabelece a relação entre Deus e Natureza, o que fomenta o engrandecimento da natureza, conceito central para toda reivindicação ecológica. Quando demonstra que Deus e a Natureza são uma só, Espinosa atesta que a Natureza é o ser que institui todos os outros, é a substância que reside dentro de todos eles. Desse modo, cada condição particular é uma expressão deste todo, que se particulariza e se materializa em partes autônomas, como os seres humanos, os outros animais e o ambiente de modo geral. Por isso é possível concluir que todos os seres estão conectados, mesmo que cada um preserve sua dignidade de realidade singular no pleno exercício de sua particularidade (Sawaia, 2006).



Sobre esse aspecto, acerca da natureza humana e do ser parte da Natureza, Chaui (2003, p. 140) em seu texto sobre Política em Espinosa aponta que, para este filósofo, ser parte da Natureza quer dizer por um lado, “ser uma essência atual (isto é, uma força sempre em ação) ou singular que é uma potência de existir e agir; e, de outro, possuir qualidades, propriedades ou aspectos comuns com outras que participam do mesmo todo”.

Para Sawaia (2006), pensando nas diversas abordagens observadas nas obras de Espinosa, “essa diversidade de enfoques revela a visão unificadora de Espinosa, que integra o homem ao cosmos, de modo que, para refletir sobre ética, despotismo e democracia, ele fala de Deus, natureza e paixões” (p. 79). Ainda segundo a autora, sendo Espinosa um homem livre e comprometido com as questões políticas, seu objetivo era “libertar os homens da servidão” (p. 80). Tinha grande interesse em compreender o que levava o ser humano a se empenhar na luta por sua escravidão como se estivesse lutando pela liberdade.

Sobre este aspecto, Espinosa afirma na Parte IV da Ética que a servidão consiste na incapacidade do ser humano em regular e dominar os afetos, visto que “o homem submetido aos afetos não está sob seu próprio comando, mas sob o do acaso, a cujo poder está a tal ponto sujeitado que é, muitas vezes, forçado, ainda que perceba o que é melhor para si, a fazer, entretanto, o pior” (Espinosa, 2023, p. 155). Já em sua obra Tratado Teológico-Político (TTP), Espinosa traz profundas considerações sobre religião, sua relação com o Estado e as Sagradas Escrituras, sobre as quais tece uma análise importante para a atual defesa da liberdade religiosa. O filósofo afirma não querer denunciar como impiedosos os membros de diversas seitas por adequarem as palavras da Escritura às suas próprias opiniões. Ele completa afirmando que assim como a Escritura, em tempos passados, foi amoldada à compreensão popular, deve ser permitido a cada um adequá-la às suas opiniões, se considerar que isso ajudará na sua obediência à Deus nas práticas da justiça e da caridade. Espinosa afirma acusá-los de não concederem aos outros a mesma liberdade, perseguindo como adversários de Deus todos aqueles que pensam de modo diferente, mesmo sendo honestos e praticantes da verdadeira virtude.

Apesar de ter suas origens no judaísmo (foi excomungado tanto por judeus quanto por cristãos católicos), a essência da fé para Espinosa não está em obedecer a



dogmas de determinada religião, mas sim, de praticar, como mencionado anteriormente, a justiça e a caridade.

Ao exprimir os aspectos que diferem a fé da filosofia, Espinosa conclui que a fé outorga a cada indivíduo a liberdade de filosofar, sendo possível o livre pensar o que quer que seja, sobretudo, de modo que os “verdadeiros” fiéis são aqueles que “espalham a justiça e a caridade” (TTP, 180, p. 222). Embora este trecho possa parecer dogmático, indicando uma determinada profissão de fé como perfeita e correta, também é possível compreendê-lo sob o viés da tolerância e da diversidade de crenças, que respeita as diferentes formas de fé e aceita ter com elas um diálogo que auxilie na defesa e promoção das causas sociais.

Levando em consideração os processos educativos e a influência das expressões de fé na vida e decisões dos cidadãos, quando pensamos na escola enquanto instituição formadora, devemos levar em conta o quanto do que lhe é característico vem de regras e preceitos ditados pela classe dominante, alimentando o medo e a apatia das pessoas, em relação aos processos de transformação social. Assim, sobre os deveres do Estado, o filósofo destaca que a função deste não é dominar nem submeter as pessoas usando o medo para que ajam de acordo com alguma autoridade, mas é libertá-los do medo para que possam viver de acordo com o direito natural que possuem para agir e existir, sem que isso acarrete danos para si mesmos e para os demais (Espinosa, 2003).

Espinosa completa afirmando que o objetivo do Estado é resguardar o corpo e a mente das pessoas para que executem suas funções, usando da razão com liberdade, sem entrar em embates por ódio e deslealdade e que sejam tolerantes uns com os outros. Assim, o verdadeiro propósito do Estado é a liberdade (Espinosa, 2003).

Desta forma, “a filosofia de Espinosa é uma ética da alegria, da felicidade, do contentamento intelectual e da liberdade individual e política” (Chauí, 1995, p. 52). Tal afirmação dialoga com o pensamento de Freire (2024a), que destaca a liberdade como prática, não apenas individual mas coletiva, que visa a transformação social.

Diálogo e liberdade na Pedagogia Freiriana

É importante destacar que, em seu período de exílio em decorrência do golpe militar de 1964, Freire residiu no Chile e posteriormente foi convidado para atuar como



docente na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos e, ao mesmo tempo, para integrar o Conselho Mundial de Igrejas (CMI), em Genebra. O educador brasileiro aceitou o segundo convite, apesar de ter ficado por um ano em Harvard. Sobre essa escolha, Oliveira (2019) destaca que percebe-se claramente que a escolha em aceitar o convite do CMI e não o de Harvard demonstra conformidade com o lugar social, isto é, não se distanciar fisicamente da realidade dos oprimidos. Sobre este aspecto, Freire (2024) destaca que uma educação problematizadora se compromete com a libertação e está empenhada na desmistificação, tendo o diálogo como revelador da realidade.

É possível observar a relação intrínseca entre a prática junto às igrejas e sua escolha pela transformação social e libertação dos oprimidos. Frente a isso, considerando suas ações como a base da EAC, a mesma deve buscar diálogo nesse campo (igrejas, questões de fé, etc.), buscando compreender suas peculiaridades e crenças como construções também sociais e culturais, na busca de uma aproximação que permita fortalecer laços, vínculo e que se empenhem na luta social, reduzindo abismos.

No período em que residia em Genebra, Freire publicou no *Study Encouter Genebra* o trabalho intitulado originalmente como *Education, Liberation and the Church*. O referido texto foi incluído como parte da obra intitulada *Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos* (1981), traduzido para a língua portuguesa como *O papel educativo das Igrejas na América Latina*, no qual o educador inicia afirmando que as igrejas não existem como organização abstrata. São formadas por homens e mulheres estabelecidos, subordinados a uma realidade concreta que é política, social, econômica e cultural. As igrejas são, assim, instituições que fazem parte da história, assim como a educação. Assim, o “quefazer” educativo das igrejas não pode ser concebido externamente à realidade na qual se encontram.

Desse modo, Freire destaca que as igrejas também têm importante papel na educação, educação esta como prática de liberdade, visto que, enquanto organização social, as igrejas, quando não escolhem a defesa dos oprimidos, estão escolhendo o lado das classes dominantes (Freire, 1981).

Ao fazer uma alusão à Páscoa cristã (passagem da morte para a vida), Freire (1981) destaca que as igrejas devem se comprometer verdadeiramente com a libertação, sendo esta uma ação concreta, considerando a realidade na qual está inserida,



desfazendo-se da ingenuidade de pensar que é possível transformar as pessoas deixando inalteradas as estruturas sociais. Vemos que ele destaca o papel importante das igrejas na luta pela libertação dos oprimidos, salientando, no entanto, que essa atuação deve ser efetiva, atingindo estruturas sociais e não indivíduos isoladamente. Esse trecho converge com a visão da EAC, que destaca ações a nível social como centrais, além da consideração dos diversos aspectos relacionados a questões sociais (econômicos, históricos e culturais).

Em relação aos povos originários também é possível observar, muitas vezes, uma relação com a natureza que vai além dos modos de subsistência humanos, na qual sua importância está atrelada aos domínios espirituais e religiosos. Considerando a importante aproximação com os povos tradicionais, de acordo com Loureiro (2020, p. 134), em se tratando da EAC, “a construção coletiva e dialógica do ato educativo se dá prioritariamente com aqueles que se encontram nessa condição de expropriação e opressão social”, visto que são eles que carregam em suas vivências a resistência ativa à estrutura social dominante. Desse modo, a contribuição que a EAC deve oferecer acerca das lutas emancipatórias precisa aprofundar o debate sobre os aspectos teórico-metodológicos relativos às práticas educativas com populações tradicionais. Essas práticas educativas devem considerar todos os aspectos da cultura desses povos, inclusive os aspectos religiosos e espirituais, que são caros a eles.

No livro *Pedagogia da Esperança*, Freire relata os acontecimentos que sucederam após sua participação em uma homenagem prestada por uma comunidade indígena em Fiji, afirmando que “foi uma solenidade em que o político, o religioso e o fraternal se misturavam” (Freire, 2024b, p. 250). Ao final da solenidade, quando lhe foi permitido falar, Freire afirmou

Minha fala, acrescentei, estava acrescida de um significado que antes não tinha. Era, no momento, disse, uma fala que se legitimava noutra cultura em que a comunhão não era apenas a de homens e mulheres e de deuses ancestrais, mas também a comunhão com as diferentes expressões de vida. O universo da comunhão abrangia as árvores, os bichos, os pássaros, a terra mesma, os rios, os mares. A vida em plenitude (Freire, 2024, p. 252).

Além do destaque especial, em seus escritos e em sua prática, aos povos tradicionais, a valorização de sua cultura e de sua espiritualidade, vale reforçar que Paulo Freire participou como consultor especial do Departamento de Educação, por dez anos, do CMI. Esta comunidade de igrejas tinha como objetivo, dentre outros aspectos, a promoção do diálogo entre as religiões e dar assistência à população africana



(Oliveira, 2019). Além desse objetivo, de modo geral, o Conselho se comprometeu com a luta pela transformação social nos locais mais ermos do mundo, partindo da relação solidária entre cristãos, “configurando-se no mais significativo organismo de empenho e elevação concreta do espírito ecumênico no Planeta” (Oliveira, 2019, p. 415).

Para Freire, alcançar-se-á a liberdade através da construção de relações dialógicas. Em sua obra *Pedagogia do Oprimido* (2024a), a respeito da educação dialógica, destaca a importância do amor como fundamento do diálogo, não podendo este último ocorrer em relações de dominação, afirmando que é um ato de amor a atitude de se comprometer com a causa dos oprimidos, que é sua libertação, onde quer que estejam. Completa destacando as condições necessárias para que ocorra o diálogo, dentre elas a humildade. “Como posso dialogar, se me fecho à contribuição dos outros, que jamais reconheço, e até me sinto ofendido com ela?” (p. 112).

Pensando sobre a promoção do diálogo entre os diferentes setores da sociedade, no Tratado Teológico-Político, Espinosa afirma que a devoção religiosa e as ações piedosas precisam estar de acordo com a paz e o bem-estar público. Tanto a paz pode e deve estar relacionada ao respeito mútuo entre as diferentes expressões de fé (ou da ausência delas) ou às questões ideológicas, e o interesse público relaciona-se às práticas que impliquem no bem-estar da população de modo geral, como questões de saúde coletiva, etc.

Espinosa e Freire em diálogo sobre questões ambientais

Exilados de suas pátrias, um devido à imposições religiosas e o outro devido ao Golpe Militar de 1964, Espinosa e Freire trazem em seus escritos aspectos que exprimem suas vivências, Freire como educador de práticas libertadoras em diversas realidades, sobretudo as subalternizadas, e Espinosa com uma filosofia que atravessa a teologia e a religião, buscando a liberdade frente às superstições e o medo.

A concepção intitulada “Deus de Espinosa”, apresentado como substância única da qual tudo é expressão (*Deus sive Natura*), oferece uma base filosófica relevante para a EAC. Ao reconhecer que os seres humanos são parte integrante da Natureza e que todos os fenômenos estão interligados, Espinosa propõe uma ética da interdependência, na qual a ação humana deve ser orientada pelo conhecimento das relações naturais e pelo respeito aos limites da vida (Espinosa, 2023). Essa perspectiva permite trazer discussões à luz da EAC para superar visões antropocêntricas e promover práticas



pedagógicas que enfatizam a responsabilidade, o cuidado e a sustentabilidade, assim como a reflexão sobre valores e crenças que moldam a relação dos indivíduos com o meio ambiente. Ao integrar a compreensão racional das leis naturais e a problematização crítica da realidade social, a abordagem de Espinosa fortalece a formação de sujeitos conscientes e capazes de agir eticamente, articulando dimensões filosóficas, éticas e pedagógicas essenciais à educação transformadora, também discutida na abordagem freiriana.

Logo no prefácio de *Pedagogia da Esperança* (Freire, 2024b), escrito pelo teólogo Leonardo Boff, temos uma ideia da aproximação entre Paulo Freire e Espinosa na busca pela liberdade, quando Boff afirma que a prática pedagógica freiriana tem sua base uma opção ético-humanística preexistente: o compromisso amoroso com o ser humano oprimido na luta contra a opressão, afirmando a defesa da vida e da liberdade. Quando se fala de vida, destacamos todas as formas de vida, com seu valor e sua importância, considerando que, em Espinosa, fazemos parte do todo que é a Natureza.

É possível observar que a aproximação entre Espinosa e as questões ambientais não é só possível, mas necessária, visto que pode trazer um olhar diferenciado sobre a relação ser humano-ambiente, tão impregnada pela visão utilitarista e supostamente infinita da natureza. Em seu livro *Ética*, considerada sua obra mais importante, Espinosa afirma que não é possível que o ser humano não seja uma parte da Natureza e também que não possa passar por outras mudanças que não sejam entendidas unicamente através de sua própria natureza (Espinosa, 2023).

Ao articular perspectivas de Freire e Espinosa, torna-se possível compreender como crenças religiosas, valores culturais e experiências éticas influenciam a relação das pessoas com o meio ambiente. A EAC, nesse contexto, busca desenvolver crenças e valores humanos que estejam integrados à compreensão de uma consciência crítica, com responsabilidade ética e engajamento ativo, estimulando ações transformadoras e o cuidado com a natureza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da existência, tanto em Espinosa quanto em Paulo Freire, de textos específicos sobre questões religiosas e sua relação com o Estado/sociedade, ambos, em suas práticas e/ou escritos, trazem aspectos relevantes sobre a luta pela libertação dos



oprimidos e a participação das igrejas, nesta ação, como destacado no presente estudo. Freire destaca o papel das igrejas, inseridas na história e na sociedade, como detentoras de um poder de posicionamento frente às situações de opressão e subalternização dos mais necessitados. Espinosa usa da filosofia para trazer um novo olhar frente aos aspectos religiosos e o posicionamento dos indivíduos frente a estes: praticar a caridade e a justiça na sociedade é a verdadeira fé.

Estes apontamentos podem auxiliar na promoção de um debate que valorize a pluralidade religiosa e que, assim, aproxime diferentes visões de mundo sobre como se relacionar com a natureza, buscando modos de viver que prezem por sua (e conseqüentemente, nossa) manutenção, considerando os seres humanos como parte do todo. Seja chamando de Pacha Mama, Gaia, Mãe-Terra, cuidado da casa comum, todos os atores sociais têm algo intrínseco a suas vivências (de fé, cultura, sociais, etc.) que os motiva, que os aproxima da natureza e das questões socioambientais. Assim, a EA, dentro de sua pluralidade, pode e deve ser a promotora dessa mudança, dessa conexão, desse diálogo.

Espinosa poderia dizer simplesmente que Deus não existe, mas ao invés disso trouxe a ideia de Deus e Natureza como tendo a mesma substância; levantou uma crítica pertinente, e ainda atual, sobre a religião como controle político, ainda assim considerando sua relevância, porém fora dos moldes tradicionais de seu tempo. Ainda muito atuais, suas críticas podem, ao contrário do que se pensa, aproximar as pessoas de alguns dos aspectos de suas religiões (considerando as que professam alguma expressão de fé), auxiliando na compreensão da importância de lutar pelo bem comum e valorizar as diferenças, combater a intolerância e promover a justiça e a caridade. Desse modo, é possível considerar que alguns aspectos religiosos podem ser potencializadores de uma visão mais crítica sobre as questões socioambientais, promovendo transformações que busquem o equilíbrio entre as necessidades sociais, ambientais e econômicas.

REFERÊNCIAS

- BONNEUIL, C.; FRESSOZ, J. B. (Orgs.). **Acontecimento Antropoceno: a história, a Terra e nós**. Tradução de Marijane Lisboa e Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Editora Unicamp, 2023.
- CHAUÍ, M. Espinosa: uma filosofia da liberdade. São Paulo: Editora Moderna, 1995.
- CHAUÍ, M. A política em Espinosa. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.



- D'ABREU, R. C. F. Espinosa como inspiração para uma filosofia ambiental. Revista Conatus - Filosofia De Spinoza, 2009.
- DELEUZE, Gilles. *Spinoza: filosofia prática*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Brasiliense, 1968.
- ESPINOSA, B. *Tratado teológico-político*. Tradução, introdução e notas de Diogo Pires Aurélio. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ESPINOSA, B. *Ética*. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.
- FREIRE, P. Ação cultural para a liberdade. 88ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1981.
- FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 50. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024. Obra a.
- FREIRE, P. Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. 34ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 2024. Obra b.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOMES, C. L.; TORALES-CAMPOS, M. A. *Espinosa: o filósofo polidor de lentes e a educação ambiental*. **Linhas Críticas**, v. 27, 2021.
- LEFF, Enrique. *Racionalidade ambiental: ciência, ética e política*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- LOUREIRO, C. F. B. Complexidade e dialética: contribuições à práxis política e emancipatória em educação ambiental. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 93, p. 1472-1494. Set/Dez. 2005.
- LOUREIRO, C. F. B. Contribuições teórico-metodológicas para a educação ambiental com povos tradicionais. Revista Ensino, Saúde e Ambiente, [S. l.], 4 jun. 2020.
- OLIVEIRA, L. C. G. *et al* (Org.) Spinoza: natureza, trabalho e liberdade. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2025 (Recurso eletrônico), 528 p.
- OLIVEIRA, W. M. Paulo Freire no Conselho Mundial de Igrejas (CMI). *Revista Pedagógica*, Chapecó, v. 21, p. 413-430, 2019.
- SATO, M.; CARVALHO, I. (org). Educação Ambiental: pesquisa e desafios. Porto Alegre, Artmed, 2005.
- SAWAIA, B. B. Espinosa: o precursor da ética e da educação ambiental com base nas paixões humanas. (Org.) Isabel Cristina de Moura Carvalho, Mauro Grün e Rachel Trajber. *Pensar o Ambiente: bases filosóficas para a Educação Ambiental*. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2006. 244 p. (Coleção Educação para Todos; v. 26).

